

## A CONTRIBUIÇÃO DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSA DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Francielli Aparecida Lima Schianti <sup>1</sup>

Ana Flávia Aparecida Bandeira <sup>2</sup>

Alex André Costa de Souza <sup>3</sup>

Karine Yasmin Ribeiro da Silva <sup>4</sup>

Zuleika Aparecida Claro Piassa <sup>5</sup>

### RESUMO

Este texto tem como tema experiências situadas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID (Brasil, 2024), desenvolvido em parceria entre o Governo Federal e as universidades, voltado à formação inicial de professores, no sentido de promover uma efetivação da relação teoria e prática. O contexto das experiências é um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), localizado em Londrina-PR, com uma turma de crianças de 2 a 4 anos, formadas por crianças oriundas de classes populares residentes em bairro periférico da cidade. O problema que mobilizou este trabalho foi: como aproximar a teoria vivenciada na universidade às demandas concretas da sala de aula, especialmente no atendimento à diversidade e à inclusão de crianças com necessidades específicas de aprendizagem? Assim, o objetivo é narrar as atividades desenvolvidas durante um semestre dentro do PIBID que possibilitaram aos estudantes do curso de Pedagogia integrarem-se à rotina escolar, desenvolvendo ações que contribuíssem para o desenvolvimento das crianças em uma perspectiva inclusiva e também para sua formação como futuros professores. A metodologia empregada é qualitativa descritiva, seguida da análise de atividades desenvolvidas pelos bolsistas do PIBID junto às crianças tais como: observação sistemática, participação nas rotinas diárias, apoio individualizado, contação de histórias, brincadeiras e outras, além de momentos de planejamento e avaliação junto à equipe pedagógica. Os resultados mostraram que os bolsistas aperfeiçoaram suas habilidades docentes e as crianças avançaram no desenvolvimento da autonomia, socialização e aprendizagem de conteúdos próprios de sua faixa etária e também proporcionaram um olhar crítico e sensível para com a educação inclusiva enquanto um princípio ético que deve guiar o trabalho docente.

**Palavras-chave:** PIBID, Educação Infantil, Formação Docente, Inclusão, Prática Docente.

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup>Docente da Rede Municipal de Londrina – Supervisora do PIBID – Subprojeto Pedagogia, [franzinha1@gmail.com](mailto:franzinha1@gmail.com)

<sup>2</sup>Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, [ana.flavia.aparecida@uel.br](mailto:ana.flavia.aparecida@uel.br);

<sup>3</sup>Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, [alex.andre.costa@uel.br](mailto:alex.andre.costa@uel.br);

<sup>4</sup>Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, [karine.yasmin.ribeiro@uel.br](mailto:karine.yasmin.ribeiro@uel.br);

<sup>5</sup> Doutora em Educação; Docente do Departamento de Educação, Coordenadora de Núcleo do PIBID – Subprojeto Pedagogia UEL, [zuleikapiassa@uel.br](mailto:zuleikapiassa@uel.br)





A formação inicial de professores, especialmente na Educação Infantil, exige que o futuro docente vivencie situações reais de ensino que dialoguem com a teoria estudada na universidade. Essa articulação, muitas vezes, é um dos maiores desafios das licenciaturas, uma vez que a prática docente envolve lidar com contextos sociais diversos, dinâmicas complexas e necessidades educacionais específicas.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) surge como uma política pública de incentivo à docência que proporciona ao licenciando experiências diretas em ambientes escolares. Mais do que um estágio, o PIBID insere o estudante no cotidiano pedagógico, permitindo que participe ativamente das práticas, planeje atividades, reflita sobre elas e construa sua identidade profissional.

Nossa experiência ocorreu em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), com crianças de 2 a 4 anos. Esse ambiente evidenciou a importância de integrar teoria e prática para responder à questão que norteou nosso trabalho: como aproximar a formação universitária das demandas reais da Educação Infantil, em especial no que tange à inclusão e ao respeito à diversidade?

Ao dialogarmos com Vygotsky (1998), entendemos que a aprendizagem acontece por meio da interação social e que o professor atua como mediador nesse processo. Em consonância, Freire (1996) enfatiza que a prática pedagógica deve ser crítica, reflexiva e fundamentada na indissociabilidade entre teoria e prática. Esses referenciais nos guiaram ao longo da vivência no PIBID.

Assim, este artigo busca narrar as atividades desenvolvidas durante um semestre dentro do PIBID que possibilitaram aos estudantes do curso de Pedagogia integrarem-se à rotina escolar, desenvolvendo ações que contribuíssem para o desenvolvimento das crianças em uma perspectiva inclusiva e também para sua formação como futuros professores.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa se caracteriza como qualitativa e descritiva, pois o objetivo principal foi relatar e refletir sobre as experiências que vivenciamos como bolsistas do PIBID em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), na cidade de Londrina-PR. Segundo Bogdan e Biklen (1994) envolve a subjetividade do pesquisador no processo de interpretação da complexidade dos eventos estudados, buscando compreender a riqueza e a diversidade das





experiências humanas e é descritiva pois não busca as causas, mas sim descreve os fenômenos em um dado momento.

Entendemos que esse tipo de abordagem nos permitiu compreender melhor o contexto em que estávamos inseridos, valorizando tanto as práticas pedagógicas quanto às percepções que construímos ao longo do processo.

Durante um semestre letivo, houve participação diretamente na rotina da instituição, acompanhando as crianças de dois a três anos em diferentes momentos do dia. Estivemos presentes nas rodas de conversa, nas contações de histórias, nas brincadeiras livres, porém intencionalizadas e as dirigidas, além de atividades voltadas ao desenvolvimento da autonomia e da socialização. Realizamos observações sistemáticas que foram essenciais para analisar o comportamento das crianças, suas interações e também o modo como respondiam às propostas realizadas. As observações foram registradas em diário de campo.

Uma parte significativa da nossa atuação foi o apoio individualizado a crianças que apresentavam necessidades específicas de aprendizagem, visto que é uma turma de demanda significativa nesse sentido. Esse contato nos fez repensar nossa prática e refletir sobre a importância de olhar para cada criança em sua singularidade, reconhecendo que a inclusão exige muito mais do que adaptar atividades: ela demanda sensibilidade, escuta e compromisso ético por parte do educador.

Ao longo do percurso, buscamos sempre refletir sobre nossas ações, registrando nossas observações e discutindo entre nós os resultados das práticas desenvolvidas. Esses momentos de análise foram fundamentais para percebermos nossos avanços enquanto futuros professores e para compreendermos os desafios do cotidiano da Educação Infantil.

Em todas as atividades, as brincadeiras e as interações estiveram presentes como eixo central. De acordo com Kishimoto (2011), é por meio do brincar que a criança experimenta, cria e aprende de forma significativa. Essa compreensão nos guiou durante toda a experiência, permitindo-nos valorizar as atividades lúdicas não apenas como momentos de descontração, mas como práticas pedagógicas essenciais para o desenvolvimento infantil.

Assim, nossa metodologia não se restringiu a técnicas formais, mas se constituiu na própria vivência do cotidiano escolar, na observação atenta e na reflexão constante, o que nos possibilitou articular teoria e prática e ampliar nosso olhar sobre a docência.

## REFERENCIAL TEÓRICO





Durante nossa participação no PIBID, percebemos que a experiência prática só ganha sentido quando dialoga com a teoria. Para compreender melhor nossa vivência no CMEI e refletir sobre a formação docente, buscamos apoio em diferentes autores que discutem a docência, a Educação Infantil e a inclusão.

Libâneo (2004) destaca que a docência não se resume a transmitir conteúdos, mas exige do professor consciência crítica sobre a realidade escolar e sobre o contexto social das crianças. Essa ideia foi essencial para nós, pois vivenciamos de perto como o trabalho docente na Educação Infantil envolve não apenas planejar atividades, mas também compreender cada criança e o meio em que ela está inserida.

Freire (1996) nos lembra que não existe prática sem teoria, nem teoria sem prática. Ele define a educação como um ato crítico, reflexivo e político, que precisa estar comprometido com a transformação da realidade. Essa visão esteve presente em nosso percurso na sala de aula com as crianças, pois em cada atividade éramos desafiados a agir e, ao mesmo tempo, refletir sobre o impacto de nossas ações, buscando sempre melhorar nossa prática.

Em Vygotsky (1998) encontramos uma base importante para compreender a aprendizagem infantil. O autor afirma que o desenvolvimento ocorre por meio das interações sociais, nas quais o professor tem papel de mediador. Sua concepção da Zona de Desenvolvimento Proximal nos ajudou a valorizar o acompanhamento próximo das crianças, entendendo que nossas intervenções podiam favorecer avanços que elas, sozinhas, talvez não conseguissem alcançar.

Outro aspecto central em nossa experiência foi o brincar. Kishimoto (2011) defende que o brincar é o eixo estruturante da Educação Infantil, pois é por meio dele que as crianças exploram, experimentam, criam e aprendem de maneira significativa. Isso confirmou o que observamos no CMEI: em cada brincadeira, havia descobertas, aprendizagens e oportunidades de desenvolvimento e interações sociais.

Por fim, não podemos deixar de mencionar os documentos oficiais que orientam nossa prática, como a BNCC (BRASIL, 2017), que reforça a importância do direito de aprendizagem para todas as crianças, e as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial (BRASIL, 2001), que destacam a inclusão como princípio ético e pedagógico.

Esses referenciais nos ajudaram a perceber que a inclusão não é apenas uma adaptação de atividades, mas um compromisso que deve atravessar toda a prática docente, uma vez que, quando falamos em inclusão, é necessário proporcionar a equidade como forma de garantir que os direitos das crianças sejam adquiridos.





## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Encontro Nacional das Licenciaturas  
IX Seminário Nacional do PIBID

Ao longo de nossa participação no PIBID, vivenciamos diferentes situações que nos permitiram observar avanços significativos tanto no desenvolvimento das crianças quanto em nossa própria formação docente. Esses resultados foram fruto da convivência diária no CMEI, da observação atenta e das intervenções realizadas nas vivências pedagógicas lúdicas.

Apresentamos os resultados enfocando primeiramente as crianças e depois a nossa própria formação.

Durante o semestre, percebemos que as crianças apresentaram progressos importantes em sua autonomia, especialmente nas rotinas de alimentação, organização de materiais e participação nas atividades coletivas. Também notamos avanços na socialização, já que muitas crianças que, no início, eram mais retraídas ou tinham dificuldade em interagir, passaram a se envolver mais nas brincadeiras e a construir relações de cooperação com os colegas.

Além disso, observamos que as experiências propostas contribuíram para a aprendizagem em diferentes aspectos: desenvolvimento da linguagem oral, ampliação da imaginação por meio de histórias e brincadeiras, e fortalecimento da coordenação motora em atividades que exigiam movimento e manipulação de objetos. Esses resultados confirmam a importância do brincar como eixo da Educação Infantil, conforme defende Kishimoto (2011), que o reconhece como prática central para o desenvolvimento integral da criança.

Outro ponto relevante foi o contato com crianças que apresentavam necessidades específicas de aprendizagem, além de observar o grande avanço que tiveram durante esse tempo. Esse acompanhamento nos faz perceber, na prática, o que afirmam documentos como a BNCC (BRASIL, 2017) e as Diretrizes Nacionais da Educação Especial (BRASIL, 2001): a inclusão deve ser um princípio que norteia todo o trabalho docente. Entendemos que, mais do que adaptar atividades, era necessário olhar para cada criança como sujeito singular, respeitando seu tempo e suas formas de aprender. Para Silva (2024, p. 50):

A Educação Infantil inclusiva reconhece a diversidade como um valor e promove a interação entre crianças com e sem deficiência, estimulando a empatia, a compreensão e o respeito mútuo desde cedo. As práticas inclusivas não apenas beneficiam as crianças com necessidades especiais, mas também enriquecem o ambiente para todos os alunos, proporcionando experiências de aprendizagem mais ricas e diversificadas.





A inclusão, como é possível compreender das palavras de Silva (2024) é condição para uma humanização que não discrimina, não separa, não ghettoiza e acima de tudo respeita o outro em suas singularidades.

Já em relação aos bolsistas, podemos assegurar que em nossa formação como futuros professores, o PIBID tem representado um espaço fundamental de aprendizado. A cada atividade, fomos desafiados a refletir sobre o papel do professor e a construir nossa identidade docente; e no que tange à inclusão, podemos vivenciar e compreender o quanto é importante para as crianças que apresentam alguma deficiência e para as neurotípicas se relacionarem, conviverem, conhecerem-se para que em suas vidas adultas as barreiras do preconceito não corram o risco de serem erguidas. Nesta experiência, desenvolvemos habilidades de mediação, de escuta ativa e de adaptação de estratégias, o que nos ajudou a compreender melhor a complexidade da Educação Infantil como um todo. Em relação ao professor da Educação Infantil no contexto da Educação Inclusiva, Silva (2024, p. 50) afirma que:

Os educadores desempenham um papel central na promoção da inclusão, adaptando suas práticas pedagógicas para atender às necessidades individuais de cada criança. Isso pode envolver a implementação de estratégias diferenciadas, o uso de materiais acessíveis e a criação de um ambiente físico e emocional que acolha a diversidade.

Para além disso, também adquirimos maior consciência crítica sobre o trabalho na escola pública e sobre as condições que atravessam a educação das crianças em bairros periféricos. Essa vivência nos aproximou do que Freire (1996) chama de prática crítica, em que a docência não se limita a ensinar conteúdos, mas se compromete com a transformação social.

Também percebemos, à luz de Vygotsky (1998), o quanto nossa presença e mediação ampliaram as possibilidades de desenvolvimento das crianças, atuando como apoio dentro da Zona de Desenvolvimento Proximal. Esse entendimento nos mostrou que o professor é peça-chave para impulsionar aprendizagens que a criança, seja ela deficiente ou não, não alcançaria sozinha.

## DISCUSSÃO







Os resultados alcançados revelam que o PIBID cumpre um papel essencial ao aproximar os futuros professores da realidade escolar desde a formação inicial. Para as crianças, significou oportunidades de aprendizagem mais ricas e diversificadas; para nós, bolsistas, significou amadurecimento profissional e pessoal. O destaque que colocamos em nosso texto para a perspectiva da inclusão ocorreu em função do fato de que nossas próprias percepções sobre o assunto mudaram ao longo dessa experiência. O que nos parecia muito complexo, quando estudado nas disciplinas teóricas, demonstrou que não há respostas simples, há vontade de estudar, vontade de fazer dar certo e sensibilidade. Não adianta uma legislação ser construída se a sensibilidade e a vontade do professor reprovar a inclusão (SILVA, 2024).

Essa experiência tem reforçado a ideia de que a docência é um processo contínuo de construção, que exige articulação entre teoria e prática, sensibilidade para o contexto e compromisso ético com a inclusão. Como afirmam Libâneo (2004) e Freire (1996), ensinar é também um ato político e social, que precisa considerar as condições concretas de vida dos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivida no PIBID nos permitiu compreender, de forma concreta, a importância de articular teoria e prática na formação inicial docente. Ao longo do semestre no CMEI, fomos desafiados a assumir o papel de educadores em formação, mediando aprendizagens, acompanhando o desenvolvimento das crianças e refletindo constantemente sobre nossas ações.

Para as crianças, o projeto significou oportunidades de aprendizagem em diferentes dimensões: desde a socialização e a autonomia até avanços na linguagem, na imaginação e na coordenação motora. Em especial, percebemos que o brincar, compreendido como eixo estruturante da Educação Infantil, foi um recurso central para promover descobertas e aprendizagens significativas.

Para nós, enquanto bolsistas, a participação no PIBID contribuiu de maneira decisiva para a construção de nossa identidade docente que traz em si a inclusão como adjetivo. Aprendemos a olhar para a sala de aula de forma crítica e sensível, valorizando a inclusão e reconhecendo que cada criança tem direito a aprender em sua singularidade. Também





desenvolvemos habilidades práticas – como planejar, mediar e avaliar – que dificilmente seriam adquiridas apenas em espaços acadêmicos.

Concluimos que o PIBID se constitui como um espaço fundamental de formação, pois possibilita que o futuro professor vivencie a realidade da escola pública, conheça seus desafios e, ao mesmo tempo, perceba sua potência transformadora. Essa experiência nos mostrou que a docência não é apenas uma profissão, mas um compromisso ético e social que exige sensibilidade, reflexão crítica e engajamento com a transformação da realidade.

Assim, reafirmamos a relevância do PIBID como política pública voltada à valorização da formação inicial de professores, especialmente na Educação Infantil. Defendemos que iniciativas como essa, sejam fortalecidas e ampliadas, pois contribuem não apenas para a formação dos licenciados, mas também para a qualidade da educação oferecida às crianças e para a construção de uma escola mais inclusiva, democrática e humanizadora.

## AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar nossa sincera gratidão ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), que nos proporcionou a oportunidade de viver experiências tão ricas e transformadoras em nossa formação como futuros professores.

Agradecemos também à Universidade Estadual de Londrina, que, por meio da coordenação do programa, representada pela professora Zuleika, que possibilitou nossa inserção no CMEI e apoiou cada etapa desse processo de aprendizagem.

De forma muito especial, agradecemos à professora regente Francielli, que nos acolheu em sua turma com paciência, carinho e profissionalismo. Sua parceria, seus ensinamentos e sua disponibilidade para compartilhar sua prática docente foram fundamentais para o crescimento que alcançamos ao longo dessa experiência.

Por fim, agradecemos à equipe pedagógica e, sobretudo, às crianças do CMEI, que com sua espontaneidade, curiosidade e alegria nos ensinaram diariamente o verdadeiro sentido da docência: aprender e ensinar juntos, em um processo de troca que vai muito além da sala de aula.

## REFERÊNCIAS







BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

BRASIL. *Conselho Nacional de Educação*. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Diário Oficial da União, Brasília, 14 set. 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KISHIMOTO, T. M. *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LIBÂNEO, J. C. *Organização e gestão da escola: teoria e prática*. 5. ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

SILVA, Erilene Gomes da. *Inclusão na educação infantil*. Revista Primeira Evolução, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 50, p. 95–104, 2024. DOI: 10.52078/2675-2573.rpe.50.2024.art.550. Disponível em: <https://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/550>. Acesso em: 19 out. 2025.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

